

Freire acusa PFL de usar Ciro para chantagear governo

André Barrocal e Katia Guimarães
de Brasília

Os partidos que apoiam o presidencialista Ciro Gomes e formam a Frente Trabalhista — PPS, PTB e PDT — vão realizar uma pré-convenção na quinta-feira, em Brasília, para discutir a consolidação da aliança nacional, o lançamento da candidatura e a verticalização das coligações. No encontro, os partidos determinarão às suas bases partidárias que sigam nos estados a aliança nacional.

Apesar das sondagens de apoio do PFL a Ciro não estarem oficialmente na pauta do encontro, o assunto deverá ser o centro das atenções. Depois da desistência da ex-governadora Roseana Sarney, setores pefelistas têm manifestado a intenção de uma aliança com o PPS.

A notícia tem causado irritação no presidente nacional da legenda, senador Roberto Freire (PE), que acusa o PFL de estar chantageando o Palácio do Planalto na tentativa de derrubar o nome do tucano José Serra da chapa governista. Só com o afastamento de José Serra, o PFL admite voltar à base aliada.

“O PFL está buscando fazer uma certa chantagem como forma de negociar a volta ao governo. O movimento é muito mais contra Serra. E eu não vou me prestar a isso”, afirmou Freire.

De olho nos votos, o líder do PPS na Câmara, deputado João Hermann (SP), acredita que este seria um caso a pensar. “São 14 milhões de votos”, frisou, referindo-se ao patamar que a ex-governadora chegou a alcançar nas pesquisas de intenção de votos. Freire rebate dizendo que ideologicamente PFL e PPS são antagônicos. Ele acrescenta que tem recebido ma-

nifestações do partido contrárias a este apoio. “O PPS não vai apoiar um partido que apoiou todos os regimes ditatoriais”, afirmou, garantindo que a direção partidária deverá vetar esta suposta coligação. O candidato Ciro Gomes tem mantido discrição diante da polêmica. Ele limita-se a dizer que até agora não houve uma proposta oficial de adesão. Assim como Freire, outros acreditam que a aproximação do PFL de Ciro não passa de um jogo da ala ligada ao ex-senador Antônio Carlos Magalhães para alfinetar o Planalto e seu candidato José Serra.

Presidente do PPS diz que não vai se prestar a chantagem mas líder do partido na Câmara está de olho nos “14 milhões de votos”

Na verdade, a ressaca na cúpula pefelista é visível. Políticos de peso e há anos nos bastidores do poder, como o presidente do PFL, senador li-

cenciado Jorge Bornhausen (SC), estão frustrados por terem apostado numa candidatura que não se sustentou. “Estamos numa reflexão contida”, disse o líder do partido no Senado, José Agripino Maia (RN).

Com o esgarçamento da relação entre tucanos e pefelistas, um apoio a Serra é visto como uma “rendição” pelo senador. A única chance seria trocar o presidencialista. “Só se zermos o jogo. Não tem sentido uma composição política assim. Nessa o PFL não entra”, disse. “Quem tem um candidato com 20 pontos não vai trocar”, rebate o líder do PSDB no Senado, Geraldo Melo (RN), repetindo a frase dita por Roseana Sarney quando estourava os 20% nas intenções de voto. O presidente do PSDB, José Aníbal (SP), mantém o discurso da aliança e defende um novo entendimento. O PFL só tomará seu rumo depois da decisão do STF sobre as alianças que deverá acontecer na quinta-feira.